
A Humanização da Narrativa Jornalística nas Séries de Reportagem dos Telejornais de Imperatriz (MA)¹

Ester Feitosa NOGUEIRA²
Gledson Diegues da SILVA³
Marcelli Alves da Silva⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O estudo propõe a análise de construção da narrativa jornalística nas séries “Ser Mãe”, exibida na plataforma Digital MA 10, da TV Difusora Sul, afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e “Amor de Mãe”, veiculada no programa JMTV 1ª edição, da TV Mirante, afiliada da Rede Globo. O objetivo principal é identificar como se dá a abordagem dos problemas sociais nos casos, respectivos, de mães adotivas e mães presidiárias em reportagens telejornalísticas das referidas emissoras e verificar de que forma os jornalistas constroem sua narrativa ponderando sob uma perspectiva antropocêntrica. Toma-se como base principal os estudos de Ijuim (2012), ao abordar as saídas apontadas, dado o questionamento no processo de jornalismo humanizado e desumanizado sobre os sujeitos envolvidos nas reportagens, levando em conta os critérios de noticiabilidade e valores-notícia apontados por Silva (2005) e discutidos em Traquina (2008) e Wolf (1995). Para tanto, foi empregado o método de análise de conteúdo de viés qualitativo, abordado pelos autores Triviños (1987) e Minayo (2003).

PALAVRAS-CHAVE:Série de reportagem; telejornalismo; narrativa jornalística; humanização; critérios de noticiabilidade.

INTRODUÇÃO

Investigar e narrar os fatos é função essencial do jornalismo, não só com o fim de informar, mas também contribuir para uma mudança na sociedade, com o intuito de provocar nas autoridades uma atitude concreta diante da problemática social abordada.

Ao jornalismo cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, que o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio, que a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem. (BUCCI, 2000, p.30)

¹ Trabalho apresentado na II04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz. email: esterphn@hotmail.com

³ Estudante de graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz email: gledsondieguesdasilva@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz email: marcelli_salvaterra@yahoo.com.br

O presente trabalho visa analisar a abordagem sobre problemas sociais que envolvem os casos de mães adotivas e mães presidiárias em reportagens telejornalísticas. Bem como, identificar de que forma o jornalista constrói a narrativa sobre os sujeitos envolvidos na reportagem e sua postura na produção de telereportagens de cunho social, percorrendo os critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Como objeto de pesquisa optou-se por analisar dois episódios de séries de reportagens sobre perfis de mães, sendo um da série “Ser Mãe”, exibido na emissora e disponível na plataforma Digital MA 10, da TV Difusora Sul, afiliada do Sistema Brasileiro de Comunicação (SBT) e um episódio da série “Amor de Mãe”, veiculada no programa JMTV 1ª edição, da TV Mirante, afiliada da Rede Globo de Televisão, na cidade de Imperatriz. A análise foi feita sob a perspectiva da ética social do jornalista, e os conceitos de humanização e desumanização do texto jornalístico.

Os temas escolhidos não foram ao acaso. O enfoque de temas sociais tem relevância no cotidiano das pessoas, como no caso da adoção, diante do processo demorado e desgastante que muitas mulheres enfrentam para alcançar o sonho de serem mães. O fato de a TV Difusora ter tratado do tema, levou à reflexão sobre a problemática. As mães presidiárias também representam um tema social de grande relevância. Discutir como as referidas mães lidam com o fato de que seus filhos serão tirados de seu convívio após o término do período de amamentação e o impacto disso na vida delas e da crianças foi o tema principal da série exibida na TV Mirante.

Processo de Humanização x Desumanização

“O jornalismo está orientado para os acontecimentos e não para as problemáticas, tornando necessário uma tipologia dos acontecimentos.” (TRAQUINA, 2012, p. 29). Partindo deste princípio, as séries de reportagem tornam-se uma das formas possíveis para tratar de maneira humanizada alguns problemas sociais, como casos de adoção e encarceramento de mães. O jornalismo, antes de tudo, só tem sentido a partir do momento que se envolve e compromete-se com a sociedade. Diante do exposto, a expressão “jornalismo humanizado” aparece em destaque nos estudos de doutorado do jornalista Jorge Kanehide Ijuim, ao investigar as contribuições da humanização da notícia no contexto escolar. Ele destaca a necessidade de o jornalista produzir matérias que promovam a dignidade do sujeito inserido no acontecimento.

Antes mesmo de construir a narrativa, o repórter precisa observar com atenção e profundidade os fenômenos sociais, já que isso permite uma contextualização mais eficaz. “Para as narrativas contextualizadas, há que se contemplar os nexos, as significações desejáveis à audiência, de modo que as pessoas percebam os sentidos das mensagens às suas vidas”. (IJUIM, 2009, p. 157). A compreensão dos fenômenos do cotidiano dá ao jornalista a condição de narrar os fatos de maneira sensível e possibilitando a desejável transformação do contexto social no qual estão inseridos os personagens.

Para Ijuim (2009), torna-se simples e reducionista a visão de que cabe ao jornalista somente a tarefa de informar: “Ao contrário, consideramos a noção de que o jornalista promove a comunhão entre humanos – o compartilhar dos desejos coletivos”. Promover a dignidade do sujeito, romper com os preconceitos e ser sensível ao narrar fatos do cotidiano, são algumas posturas inerente ao jornalista que pretende construir uma narrativa mais humanizada. Para Jorge Ijuim (2012), fazem-se necessários dois questionamentos ao discutir o processo de humanização da notícia. O autor levanta a seguinte discussão: “existe um Jornalismo humanizado? Há um Jornalismo que desumaniza?”. O autor, lembra ainda que a prática jornalística é uma atitude de comunicar, portanto uma ação basicamente social. “E o jornalismo, como um ato de comunicação, surgiu exatamente por esta capacidade dos humanos de criar sistemas que lhes permitam compartilhar informações, pensamentos e ideias.” (IJUIM, 2012, p.129). Ao especificar sobre o tipo de humanismo tratado em seus estudos, o jornalista e pesquisador Ijuim (2012) destaca o “Humanismo universalista”, ou seja, uma nação humana universal onde impere uma multiplicidade em todos os mecanismos da sociedade, seja nas crenças, valores, línguas e costumes.

Para superar a dor e o sofrimento, em particular suas causas, vislumbra-se uma atitude humanista que respeite e considere posições humanistas de diferentes culturas, como: ter o ser humano como o centro das preocupações; afirmação da igualdade de todos os seres humanos; reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; tendência a desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta; afirmação da liberdade de ideias e crenças; e repúdio à violência. (IJUIM,2012, p.122)

Partindo desta argumentação, fica evidente quão relevante é a prática jornalística ao construir sua narrativa de forma humanizada, pois o olhar sensível, porém objetivo,

do repórter, consegue não somente informar, mas dar voz ao “sujeito” inserido em uma sociedade tão diversificada. Diante disto faz-se necessário uma atitude sensível do jornalista, para que o profissional, ao narrar fatos do cotidiano, não incorra na falha de promover o acontecimento ao invés de dignificar a pessoa.

Porém, diante dessa contextualização, surge o questionamento: Como conceber humanização sem função social e ética profissional? Karam (2016) destaca que para informar de forma imediata o público, o jornalismo “desenvolve técnica ética e estética.” Ele enfatiza que a credibilidade é a marca do repórter, pois cabe ao profissional o processo que vai deste a apuração e edição dos fatos. Questiona se existe autonomia do jornalista, pois estão sob o comando de empresas entre as quais em determinada ocasião a ética não vem em primeiro lugar. Então, nesse aspecto, os valores éticos, defendidos tanto pelas empresas como pelos jornalistas, que existe nos códigos, acaba muitas vezes sendo esquecido.” (KARAM, 2016).

Diante de tal abordagem, é possível erigir a conexão entre falta de ética e desumanização? Para compreender este questionamento é preciso retomar o conceito de Ijuim (2012) sobre o assunto. O autor levanta alguns pontos sobre o que desumaniza no jornalismo, perpassando pela afinidade entre o órgão de imprensa, seus jornalistas e a sociedade. “As relações de um meio de comunicação são complexas, não se restringem a contatos veículo-audiência, pois atua junto a uma quantidade inimaginável de grupos que não necessariamente a suposta audiência.” (IJUIM, 2012, pp. 123-124). Para melhor compreensão do que seja desumanização o autor lança mão de trechos de reportagens, que aqui destacamos somente uma: “O lixo do lixo do mercado do sexo em Goiânia chama-se Dergo. É um bairro comercial que nasceu nos anos 30 durante a construção da cidade e que desde aquela época acolhia boêmios e meretrizes nas mesas do famoso cabaré Trovão Azul. Hoje a fama do bairro é a pior possível. Duzentas mulheres disputam as calçadas imundas do bairro, onde sexo, cachaça e drogas são vendidos a preço de banana”. (IJUIM, 2012, p. 127).

Ao analisar a matéria, Ijuim (2012) enumera vários aspectos que, segundo ele, demonstram uma forma desumana de narrar o fato em questão. “O propósito era apresentar um retrato da situação dos filhos de prostituta no Centro-Oeste brasileiro”. (IJUIM, 2012, p.126). Ele destaca que os termos utilizados pela repórter, como: “lixo do lixo” e que, ao descrever o local, a jornalista reforça preconceitos e estereótipos existentes na sociedade.

Ijuim (2012) ressalta que este tipo de narrativa corrobora para um jornalismo desumanizado. “Reportagens como estas denotam problemas essencialmente éticos e, por isso mesmo, desumanizam. Elas sinalizam não só a linha editorial desses periódicos. Representam um microcosmo do pensamento da sociedade brasileira.” (IJUIM, 2012, p.127). Conceber a pauta, apurar e editar são passos enraizados dentro da prática jornalística, mas é relevante destacar que, para evitar equívocos, todo este processo precisa ser realizado com coerência afim de pautar, com sensibilidade e dignidade, os personagens inseridos na notícia.

Telejornalismo e Série de Reportagem

A televisão ainda é o recurso que muitos brasileiros utilizam para obter informações no seu cotidiano, que chegam a eles por meio dos telejornais. Porém, *odeadline*⁵ das empresas de comunicação acaba por forçar uma programação noticiosa, dificultando a produção de matérias com profundidade e que abordem problemas sociais. Uma vez que o factual é a mola mestra dos telejornais.

É relevante compreender o processo organizacional dos *medias ao* “manipular” a informação e de como o telespectador recebe e articula a notícia. Para tal entendimento, este estudo toma como base a concepção da Teoria da Agenda. Maxwell McCombs (2009) descreve os aspectos fundamentais deste estudo acerca da causalidade entre mídia e opinião pública. “A ideia teórica central é que os elementos proeminentes na imagem da mídia tornam-se proeminentes na imagem da audiência. Aqueles elementos enfatizados na agenda da mídia acabam tornando-se igualmente importantes para o público”. (McCOMBS, 2009, p. 111). Mediante tal argumentação compreende-se que os meios de comunicação não impõem o que se pensar sobre determinados assuntos, mas a médio e longo prazo, influenciam sobre o que pensar e falar. Dependendo da matéria, o público pode, inclusive, incluí-los em suas preocupações diárias. Diante de tais afirmativas é interessante erigir algumas indagações. Quais os critérios dos meios de comunicação ao hierarquizar temas com relevância social em detrimento de outros? Como e porque são abordados em série de reportagens? Para responder a estes questionamentos recorreremos a explicação sobre o

⁵Instante em que um jornal fica pronto para a impressão. Prazo máximo para entrega de matéria.

agendamento relacionado à teoria da Agenda, o conceito contemporâneo do “enquadramento”.

McCOMBS (2009) destaca que o enquadramento é aplicado à agenda midiática, que tem como função organizar o conteúdo noticioso, fornecer um contexto e sugerir sobre do que se trata o assunto. “Enquadrar é selecionar algum aspecto de uma realidade e torná-lo mais saliente num contexto comunicativo, de tal forma a promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação para o item descrito”. (apud BENTON, 1976, pp 261-274) Para aprimorar o entendimento acerca dos modos de produção da notícia, neste segundo momento foi tomado como base os critérios de noticiabilidade e valores-notícia. De acordo com Silva (2005), emprega-se com frequência como sinônimos “os conceitos de noticiabilidade, valores-notícia e seleção de notícias”. Para a autora, valores-notícia e seleção de notícias são conceitos exclusivos que pertencem “ao universo mais amplo do conceito de noticiabilidade”.

É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade (newsworthiness) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, 2005, p. 96)

Fica evidente que dentro do telejornalismo, a produção noticiosa passa pelos critérios de noticiabilidade, pois a infinidade de acontecimentos do cotidiano força os veículos de comunicação a selecionar e hierarquizar os fatos na hora de tratar a informação. “Frente ao volume tão grande de matéria-prima, é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia.” (Silva, 2005, p. 97).

Ao erigir todos estes fatores que influenciam no modo de produção da notícia, este estudo considera que os telejornais locais de Imperatriz percorrem o processo de seleção e hierarquização, ao tratar a informação. Mesmo em se tratando de matérias aprofundadas e de cunho social, e que trazem em seu texto jornalístico uma postura humanizada. Para decidir o que será notícia ou não, o repórter analisa os fatos de

diversos ângulos. Wolf (2008, p. 196) argumenta “que estes correspondem às operações e instrumentos com os quais as escolhas do que vai ser noticiado são feitas pelas empresas de comunicação”. Percebe-se que as matérias analisadas por este estudo passam não somente pelos modos efêmeros, de produzir notícia dos meios de comunicação, mas também se este ou aquele fato é passível de ser noticiado.

Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’ (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Fica perceptível que nos dois casos acontece o processo de seleção e hierarquização dos fatos para que fossem transformados em notícia. “A seleção, portanto, se estende redação adentro, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar”. (Silva, 2005, p. 98). Diante do exposto, os questionamentos levantados neste artigo sobre os critérios e abordagens dos meios sobre pautas sociais, esclarecem alguns pontos sobre os modos de produção da notícia dentro do telejornalismo local. Silva (2005) destaca que os “os valores-notícia agem em todo processo de produção da informação jornalística.” É preciso entender, no entanto, quais os elementos deste processo são dignos de serem mais utilizados dentro das redações na produção final, em que dar ênfase e o que se deve omitir ao abordar determinados fatos ao telespectador.

Apesar de agirem em diferentes momentos, na seleção primária, para a triagem, e na seleção hierárquica, como linhas guia para o tratamento das matérias, os valores-notícia devem ser definidos como as qualidades dos eventos e não “da sua construção jornalística”. Eles participam ativamente da construção noticiosa, mas a produção da notícia e sua qualidade são resultado de muitos outros critérios ou fatores de noticiabilidade. (SILVA, 2005, p. 99)

Diante dessa argumentação, é importante destacar “outros critérios”, que influenciam na tomada de decisão quando da hierarquização e seleção dos fatos: a subjetividade do jornalista, a rotina produtiva das organizações e, no caso do telejornalismo, o tempo e espaço destinado para a veiculação da notícia. Para Silva (2005), os valores-notícia “podem ter utilidade não só no estudo de fatos noticiáveis, mas também no que diz respeito a acontecimentos noticiados”. (Silva, 2005 p. 98). De que valores-notícia as matérias aprofundadas produzidas nos telejornais locais lançam

mão? A princípio em se tratando das Series sobre “Mães”, “proximidade e drama” ganham destaque, no entanto os dois últimos autores citados por Silva (2005) e descritos em seu quadro de valores-notícia, pode-se agrupar aos que já foram citados no interior deste artigo, os de Chaparro: atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade surpresa. E os de Lage: proximidade, atualidade, identificação. (apud, SILVA, 2005, p. 103) Todos estes elementos elencados permitem perceber um longo processo de produção de notícia dentro dos telejornais locais, de como acontece e é construída a narrativa jornalística. Coutinho e Mousse (2010) enfatizam que uma narrativa que contém “romance-popular e melodrama”, favorecem forte identificação “entre a população e o imaginário nacional”, próprios de países latino-americanos. As autoras destacam que este tipo de narrativa atrai mais este público do que um texto jornalístico que traz em seu enredo a objetividade. “Talvez exatamente por ter uma estrutura narrativa semelhante ao drama, em termos aristotélicos, o telejornalismo, e sua dramaturgia, tenham ocupado um papel central como fonte de informação e de identificação na sociedade contemporânea.” (COUTINHO E MOUSSE, 2010, p. 6). Partindo desde princípio consta-se que no telejornalismo, ao selecionar informações, um dos critérios é a subjetividade. Tal percepção fica ainda mais evidente quando a abordagem telejornalística visa pautar temas sociais e que envolvem personagens que, por si só, contém romance e drama. Como no caso de mães presidiárias e mães adotivas, figuras essas que compõem o objeto de pesquisa deste artigo.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por meio do Cadastro Nacional de Presas Grávidas ou Lactantes, apontou a existência de 685 detentas gestantes ou amamentando nos presídios de todo o país. Este levantamento foi realizado no mês de fevereiro de 2018. Desse total, 420 mulheres são grávidas e 265, lactantes. Outra problemática social do país refere-se a casos de adoção. Constam no registro do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) 9.427 crianças e adolescentes, e destes, 46.2% são do sexo feminino e 53.8% masculino. No estado do Maranhão essa porcentagem é 1.14%. Diante deste breve quadro, é necessário retomar a discussão do papel social do jornalismo, bem como a sua postura ética mediante problemáticas sociais tão vigentes em nossa sociedade. IJUIIM (2009) destaca que responsabilidade social “parece ser algo consagrado no meio jornalístico” e tal expressão “carrega força e impacto”. Essa força, porém, muitas vezes fica apenas no âmbito teórico pois devido ao processo de

hierarquização, as práticas noticiosas e editoriais das empresas de comunicação são determinações que o jornalista é obrigado a sujeitar-se e cumprir. Diante de dados acima citados sobre a problemática da adoção de crianças e adolescentes e de mães presidiárias, é relevante erigir uma análise do processo de humanização da narrativa jornalística do telejornalismo, levando em consideração a perspectiva da ética profissional do jornalista.

SÉRIE “AMOR DE MAE”

Coutinho e Mousse (2010) destacam que o tempo e o espaço limitam a notícia televisiva e, além de oferecer informativos em pacotes, a “informação jornalística na televisão é constituída por fragmentos da realidade”.

Para se constituir em um desses fragmentos, um fato deveria ser marcado por uma forte unicidade, ou ser componente de uma grande narrativa, ter impacto passional muito forte ou ainda ser apresentado de forma muito espetacular, parâmetros que definiriam os quatro critérios de noticiabilidade em televisão. (COUTINHO E MOUSSE, 2010, p. 10)

Diante desta argumentação, é compreensível a produção de matérias aprofundadas que visam abordar pautas que impactam e envolvam o telespectador. Nesse artigo serão descritos dois episódios de uma série de reportagem produzidos por duas emissoras da cidade de Imperatriz-MA veiculados em seus telejornais. O primeiro objeto de estudo analisado foi extraído de uma série de reportagens divididas em quatro episódios, veiculado no JMTV da TV Mirante, afiliada da Rede Globo, exibidos no mês de maio do ano de 2017. A série traçou diferentes perfis de mães, mas optou-se, no entanto, a verificação do quarto e último episódio, que mostra exemplos de mulheres que decidiram percorrer o caminho da adoção. Ao erigir a narrativa sobre o tema, o repórter constrói o seu texto de maneira sensível. Para melhor percepção da narrativa serão descritos abaixo trechos da matéria.

O colorido do desenho no papel tem as formas do “amor” as ilustrações são de Ester, a simpática e inteligente filha mais velha de Antoni e Josane. Ester, hoje com 10 anos de idade, não cresceu na barriga, mas aos olhos da mãe. O que determinou esse encontro foi um desejo incontrolável. Um impedimento natural parece ter sido

providencial para que pai e mãe se escolhessem. Foi aí que Josane decidiu que a adoção de uma criança a tornaria mãe do mesmo jeito. (Série Amor de Mãe. JMTV 1ª edição. Imperatriz. 14 de maio. 2017.)

Desde o início as palavras descritas na telereportagem descrevem minuciosamente os detalhes do cotidiano da criança que foi adotada e destacam o caminho percorrido pela mãe durante todo processo de adoção, os sentimentos e a espera dolorosa para conseguir realizar o sonho de ser mães. “O repórter, no entanto, não deve estar preso à velha obrigação de ‘cumprir ficha’, mas sim em demonstrar através da sua escrita um jornalismo ético e comprometido”. (TENORIO, 2010, p. 409) Outro casal compõem o enredo da matéria e é possível perceber os traços de emoção, e neste trecho o que mais marca é a referência de felicidade do casal. “Neste outro lar também imperam da entrada até as paredes de todos os cômodos. Aí está a felicidade estampada na casa da família Priscila e Laercio. Eles descobriram, antes mesmo do casamento, que não poderiam gerar filhos.” (JMTV 1º. 14 de maio. 2017). Sob a perspectiva do Humanismo Universalista defendido por Jorge Ijuim, pode-se afirmar que neste episódio a série produzida pelo telejornal local conseguiu, dentro de sua narrativa jornalística, fornecer ao público uma notícia humanizada.

SERIE “SER MÃE”

A segunda matéria avaliada foi retirada da série de reportagens Ser Mãe. Veiculado pela TV difusora em sua plataforma digital MA10, em 11 de maio de 2017, o episódio escolhido foi sobre as mães presidiárias. Ao analisar o episódio da série de reportagem, fica evidente que, ao construir a narrativa, o jornalista trata de forma humanizada a problemática das mulheres que estão encarceradas e dão à luz aos seus filhos dentro de presídios. O texto abaixo destaca uma sensibilidade carregada de impacto pois descreve um bebê em um ambiente que denota frieza e nem de longe se aproxima de um lar.

João tem 1 ano e 5 meses de idade e muita, mas muita energia, e está habituado com esses corredores porque veio para cá ainda na barriga da mãe. Joselma passou praticamente toda a gravidez de trás das grades e foi neste ambiente que o menino andou pela primeira vez. Esse mundinho começa a ficar pequeno demais, por isso a mãe espera mudar de regime e acompanhar o filho de perto, só que lá fora. Joselma veio de Bom Jardim, onde deixou outros dois filhos, um menino de 8 anos e uma menina de 5. Caso não consiga uma prisão

domiciliar, o segundo cordão umbilical deverá ser cortado antes da hora. (Série Ser Mãe. TV Difusora, plataforma digital-ma10.11 de maio. 2017)

Neste outro trecho, a emoção ainda é mais forte, pois o repórter destaca o sofrimento de mulheres grávidas e de seus futuros incertos.

Sheila é uma dessas gestantes e nem imagina como vai reagir. Com um futuro incerto, fica até difícil não se emocionar. Quando saem daqui, as crianças são levadas por um parente próximo ou vão parar em abrigos. Agora não há como impedir o filho de seguir a vida em liberdade. Basta apenas esperar o tempo certo para esse encontro, tão aguardado pelas mães e filhos. (Série Ser Mãe. TV Difusora, plataforma digital MA 10.11 de maio de 2017)

A humanização acontece no momento em que o repórter relata as emoções das presidiárias com relação aos seus filhos e de conta como acontece o processo de separação da criança e da mãe. O texto jornalístico evidencia uma afabilidade ao tratar do assunto e em vários momentos da reportagem a sensibilidade toma forma ao apresentar o fato. A abordagem vai sendo construída de maneira que dê sentido de proximidade com o público ao tratar um tema tão delicado e latente na vida das mulheres encarceradas. “Para um jornalismo humanizado, suponho que este fazer começa antes na pauta, na consciência do ser jornalista.” (IJUIM, 2016, p. 9).

Ao comparar os dois episódios das séries de reportagens exibidas nos telejornais locais das emissoras de TV Mirante e Difusora, fica clara a relação de proximidade em ambos como valor-notícia, pois o tema geral está relacionado com a figura materna descrita em contextos diferentes, porém tratados com a sensibilidade que o fato merece. A humanização está presente nos dois casos, pois ambos jornalistas conseguem, lançando mão das técnicas de humanização do jornalismo, sensibilizar o telespectador. Mas acima de tudo um fator relevante se configura dentro da narrativa: é possível abordar temas sociais levando em conta os sujeitos envolvidos e não apenas o simples compromisso de informar. Fica claro que a postura do jornalista se configura em uma conduta de alteridade ao relatar o contexto em que se encontram os sujeitos inseridos dentro da telereportagem, sendo que a postura do repórter fica evidente no uso das palavras ao construir a narrativa. Para evitar a “desumanização” na produção de notícia, é importante que ao narrar os acontecimentos do cotidiano os meios de comunicação revejam sua responsabilidade social não apenas com os telespectadores que consomem

a notícia, mas, principalmente, com a fonte geradora da informação. Assim, estimular que se vise priorizar a produção de grandes reportagens dentro do telejornalismo levando em conta que “a reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social” (MEDINA, S. D. apud LIMA, 2009, p.23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado ao tratamento factual dos meios de comunicação, assuntos de cunho social muitas vezes, colocam determinados grupos da sociedade à margem. Acreditamos que uma narrativa humanizada por meio de reportagens aprofundadas pode proporcionar ao telespectador um contato diferente do que é comumente oferecido nos telejornais locais.

Para compreender com clareza a construção de uma narrativa humanizada, este estudo baseou-se nos conceitos de humanização e desumanização de Ijuim (2012). O autor traz com clareza fatores relevantes para tal percepção. Nossa análise considera que a prática jornalística deve ser pautada sob a perspectiva ética, muito bem elencada por Karam (2016), quando destaca que a “credibilidade é a marca do repórter”. Este estudo ponderou, ainda, sobre a Teoria da Agenda, descrita em McCombs (2009), considerando o “agendamento” e o “enquadramento” da mídia ao narrar os acontecimentos do cotidiano. Verificando os modos de produção da notícia, de como são pautados em um processo que passa pelo crivo dos critérios de noticiabilidade e valores-noticias, mesmo em matérias aprofundadas. Para tal análise foram considerados os estudos de Silva (2005). No telejornal local, a humanização das mães encarceradas e mães adotivas é possível à medida que se dá voz e espaço para estas mulheres, já que são elas que protagonizam e expõem suas vidas. Por contar com um período maior de veiculação, a construção da matéria nas séries de TV constitui-se uma ferramenta importante, já que se aprofunda muito mais na temática, e permite ao telespectador uma reflexão sobre a abordagem dos fatos. Ao contrário das matérias factuais, em que o processo precisa ser ágil e obedecer às grades de programação. dado não somente o volume de fatos, subjetividade do jornalista, rotina produtiva dos meios de comunicação, mas o tempo e o espaço dentro do telejornalismo.

REFERÊNCIAS

BORTOLI, Suzana Rosendo. **Jorge Kanehide Ijuim: Sobre o jornalismo humanizado.** Revista Altegor, v.1 n.13, 2016.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa.** São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

COUTINHO, Iluska e MUSSE, Christina. **telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do brasil no jornal nacional.** Grupo de Estudos Altergor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 01 – Volume 01 Edição 01 – janeiro-dezembro de 2010. São Paulo

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas.** Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo e ética no século XXI.** Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 13 n.13, p. 15-27, jan/dez. 2009

Karam destaca os dilemas éticos do jornalismo atual. Disponível:

<http://centralsul.org/2016/francisco-karam-destaca-dilemas-eticos-do-jornalismo-atual/>.
14 de maio de 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

MCCOMBS, Maxwell. **Teoria da agenda: a mídia e a opinião pública.** Vozes. Ed.1,2009

SILVA, Gisele. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Estudos em Jornalismo e Mídia Vol.II Nº 1 - de 2005

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do jornalismo.** VI.1 Nelson Traquina, 2012